

DA SACRALIDADE BARROCA À ILUMINAÇÃO PROFANA DO PENSAMENTO: LINGUAGEM, POLÍTICA E ESTADO DE CRIAÇÃO

Tereza de Castro Callado¹

Le Prince developpe toutes les virtualités de l'Etat par une sorte de création continue. Le Prince est le Dieu cartésien transposé dans le monde politique.
Frédéric Atger

RESUMO

O trabalho filológico de Benjamin no *Trauerspiel* reitera a excelência da nomeação, que havia sido iniciada no ensaio “*Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen*”, de 1916, sobre a essência espiritual da linguagem e a presença, no ato nomeador, da força da criação, de onde se origina a ação do homem. A atualidade divina da linguagem, renovada pela percepção original da palavra, a libera da imediatidade da comunicabilidade própria à abstração, negando igualmente o veredicto judicial.

Palavras-chave: Linguagem, Ato Nomeador, Criação, Essência Espiritual, Abstração, Veredicto Judicial.

SECREDNESS OF THE BAROQUE PROFANE ILLUMINATION OF THINKING: AN ESSAY ON LANGUAGE, POLITICS AND THE STATE OF CREATION

ABSTRACT

The philological work of Benjamin in the book Trauerspiel reiterates the excellence of nomination, which had been initiated in the essay “Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen”, 1916, on the spiritual essence of language and the presence, in the nominating act, the power of creation, from which originates the action of man. The divine topicality of language, renewed by the perception of the original word, releases it from the immediacy of communicability which is proper from abstraction, also denying the court verdict.

Key-words: language, nominating act, creation, spiritual essence, abstraction, court verdict.

¹Tereza de Castro Callado é doutora em Literatura Brasileira pela USP (1997) e em Filosofia também pela USP (2005). É professora de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará.

Péché originel - rédemption, verdict judiciaire - état d'exception, connaissance – vérité constituem binômios no trânsito entre o ensaio *Sur le langage en général et le langage humain* e o *Trauerspielbuch* (livro sobre a dramaturgia barroca) de Walter Benjamin. Tais polarizações sustentam a constelação de ideias do viés teológico de sua filosofia, confiadas à essência espiritual da linguagem. Tanto no *Trauerspielbuch* como no ensaio de 1916 a força da linguagem interage com a ação do homem: mais “[*l'essence spirituelle*] *n'est pas identique à l'essence linguistique. Elle ne lui est identique que dans la mesure où elle peut être communiquée*”². Essa frase alerta para o risco que representa o poder de comunicação da linguagem. Com isso quer preservar a essência espiritual da comunicação com Deus: “*dans le nom l'essence spirituelle de l'homme se communique à Dieu*”³. No *Trauerspielbuch*, Benjamin reconhece no ato da nomeação o espaço linguístico onde a verdade aparece como “equilíbrio tonal das essências” ou ideias. A comunicação concedida por Deus ao homem através do poder do Nome traz a verdade da Criação. Ela vem com o Nome no “Haja” criador. O trabalho filológico de Walter Benjamin no *Trauerspielbuch* reconhece, nesse ato criador, a excelência da nomeação: se as ideias se dão no ato nomeador, não estaria nesse motivo, o esforço da filosofia na luta por umas poucas palavras – sempre as mesmas – as ideias, para através delas deixar que a verdade se apresente? Para o filósofo as ideias precisam ser renovadas: na renovação das ideias pela contemplação, a percepção original das palavras é restaurada. Igualmente pelo conceito de *Origem (Ursprung)* a palavra recorre à sua redenção, retornando a um momento anterior à queda – o instante da Criação – momento onde floresce a verdade do homem em comunicação com Deus. No ato nomeador as ideias se dão de forma não intencional⁴. Assim o *Trauerspiel* enquanto ideia e configuração dos fenômenos extremos em torno da corte absolutista consegue nomear aqueles fenômenos políticos com a possibilidade de *redimi-los* para uma pós-história. Quando o pensamento para, com o objetivo de resumir toda a história da dominação (oriunda do conhecimento), ele comunica um choque: é a oportunidade revolucionária desabrochando contra o passado opressor, em forma de redenção.

²“A essência espiritual não é idêntica à essência linguística. Ela não é idêntica a esta a não ser na medida em que pode ser comunicada” (tradução livre). BENJAMIN, “*Sur le langage en général et sur le langage humain*” in: ___ *Oeuvres I*, Paris, Editions Gallimard, 2000, p.144

³“No nome a essência espiritual do homem se comunica a Deus”.(tradução livre) Idem, ibidem, p. 147.

⁴BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*, Paris: Flammarion, 1985, p. 34

Nesse cariz messiânico da exegese benjaminiana estaria selada a exigência de uma tematização política como resistência ao *status quo* da marcha de catástrofes que tem sua pós-história na *barbarie cultural*. O método para a reflexão sobre o fenômeno da barbárie não deixa de escorregar, do viés transgressor ao estabelecido, para o olhar melancólico sobre a *facies hippocratica* da histórica que encontra sua constelação, em forma de uma mônada temporal, na Modernidade. Benjamin descreve com esse conceito os sintomas de degradação movidos pela ambição e os jogos de poder de um homem sobre o outro, que imitam a degeneração da *physis*, na concepção de culpa do medievo. E justamente para revelar o fenômeno da desfaçatez do poder, Walter Benjamin interpreta a linguagem do *Trauerspiel*, utilizando-se da contemplação da ideia, enquanto desvio (*Umweg*). Esse caminho indireto permite observar o patrocínio, no drama barroco, da mais incontestável das autoridades: a do mundo antigo. Iluminado com suas ideias, “*il fut donné au baroque de voir la puissance du présent agissant dans le médium de celle-ci*”⁵. Como forma genuína de investigação filosófica, a representação permite que os fenômenos do *Trauerspiel* sejam nomeados, caso contrário, estariam fadados ao esquecimento. As ideias, por sua vez, são reconhecidas na capacidade de nomear os fenômenos – sabe-se que “a ideia é algo linguístico”. A metodologia que recorre à ideia para aquilatar o elemento conceitual evita a cristalização do conceito em um falso universal, na medida em que consegue representar os fenômenos em torno da soberania do século XVII. Portanto renunciar à representação seria “*renoncer au domaine de la vérité qu’est l’enjeu des langages*”⁶ e seria também renunciar à nomeação dos fenômenos do *Trauerspiel* com o objetivo de salvá-los. Sendo ideia, o *Trauerspiel* traz a tona os extremos da história, na *face de Janus* do monarca: a da perdição e da redenção, quando a ideia se reporta ao conceito de *Origem*. Assim é possível ao drama barroco retornar à ideia da Criação. Na encenação da corte barroca surgem questões do absolutismo político que circulam a concepção de *função sacrossanta* dada por Deus ao rei, portando a ideia de *sacralidade* condicionada ao governo de um monarca. Nessa constatação aparece a primeira interpelação de Benjamin quanto à natureza da sacralidade e do culto relacionados à figura real, no âmbito da política seiscentista e sua secularização pela Reforma. Esse aspecto mítico está circunscrito não apenas às figurações da corte mas invade

⁵BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*, p. 103

⁶BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemande*, p. 24

a própria escrita de algumas palavras com a prática da inicial maiúscula em: Bem, Verdade, Beleza, Virtude, traindo a mentalidade do século XVII e acentuando seu sentimento de desolação diante da perda do divino, quando o símbolo deste empalidece diante do prestígio nascente da ciência experimental, não tanto a ponto de permitir que se apaguem os vestígios da espiritualidade cristã, bem expressiva na faculdade de redimir do monarca. Ali a palavra já aparece como ideia⁷. A linguagem exterioriza esse traço ímpar da estética barroca - o retorno à percepção original expressa na linguagem primeva, linguagem nomeadora, adamítica⁸, que reconhecia em Adão o pai de todos os homens. E ao tentar atualizar a ideia, através da linguagem, diz Benjamin: *“C’est affaire du philosophe que de rétablir dans sa primauté, par la présentation, le caractère symbolique du mot, dans lequel l’idée se rend intelligible à elle-même, ce qui est à l’opposé de toute espèce de communication tournée vers l’extérieur (...) e cela n’est possible (...) que par le retour de la mémoire à la perception originelle”*⁹.

A percepção política descoberta na camada metafísica da linguagem traz um aspecto revolucionário do pensamento do filósofo: ele inclui a teologia, já presente em *Sur le langage humain* de 1916, que descreve o declínio do homem e o reflexo da queda na perda da *linguagem nomeadora*: *“le péché originel est l’heure natale du verbe humain, celui en qui le nom ne vivait plus intact, celui qui était sorti du langage qui nome, du langage qui connaît, on peut dire de sa propre magie immanente, pour se faire magique expressément, en quelque sorte du dehors. Le mot doit communiquer quelque chose (en dehors de lui-même). Tel est réellement le péché originel de l’esprit linguistique: “das ist wirklich der Sündenfall des Sprachgeistes”*¹⁰. Mas isso não é realizado impunemente: “ao sair da pura linguagem do nome, o homem transforma a linguagem em meio (*Mittel*), em mero signo; daí mais tarde a pluralidade das línguas”¹¹. A conversão da linguagem em signo impede a imediatidade do sentido, rege o desfalecimento das concepções divinatórias: Deus *jaz secularizado*. Desfaz-se a magia do mundo, a comunicação

⁷ BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*, p. 33

⁸ Idem, ibidem, p. 34.

⁹ BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*, Paris: Flammarion, 1985, p. 33-34.

¹⁰ *“Der Sündenfall ist die Geburtsstunde des menschlichen Wortes, in dem der Name nicht mehr unverletzt lebte, das aus der Namensprache, der erkennenden, man darf sagen: der immanenten eigenen Magie heraustrat, um ausdrücklich, von aussen gleichsam, magisch zu werden”*. BENJAMIN. *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen*, Seite 153.

¹¹ BENJAMIN. *Über die Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen*, Seite 153, p. 68

direta com Deus ocorrida antes da queda. A alusão benjaminiana ao nascimento do *saber do bem e do mal* nos faz entender a distorção sofrida pelo conhecimento. E sua consequência foi o retorno ao mito, da qual o discurso político-ideológico se apoderou. Portanto não constitui nenhuma especulação atribuir à perda da magia, a abstração¹² em que foi engendrado o *pseudo universal do conceito* diante do qual Benjamin mantém tantas restrições, e contra o qual ele propõe a contemplação da ideia, como método filosófico¹³.

*L'idée est quelque chose qui relève de la langue, et plus précisément le moment, dans l'essence du mot, où celui-ci est symbole. Dans la perception empirique, où les mots se sont dégradés, ils ont un sens profane manifeste à côté de leur aspect symbolique plus ou moins caché. Ela salva o Nome: "l'être détaché de toute phénoménalité"*¹⁴. É esse Ser que determina o modo pelo qual são dadas as ideias. A partir do nome enquanto ideia é possível ao pensamento libertar-se do *discours didactique autoritaire*¹⁵, que o subjuga. A comunicação que se apodera da palavra tem sua projeção no discurso distante da destinação humana, e que expressa sua intenção e interesse, pois o conhecimento visa ao particular. Supõe-se que o discurso ideológico dos totalitarismos tenha sua origem na palavra que julga, na palavra do conhecimento sobre o bem e do mal, na palavra que se exilou do nome. Benjamin observa a necessidade da linguagem se conservar como *Medium*, opondo-se ao meio (*Mittel*), para recuperar o conhecimento originário das coisas "no nome"¹⁶. Esse conhecimento das coisas está muito próximo da sabedoria, mas ela foi substituída pelo conhecimento que é poder, que se dá na informação, na "bavardage"¹⁷. Enquanto meio (*Mittel*) a linguagem se deixa manipular, legitimando a história dos vencedores contra os vencidos. Lienkamp confirma a necessidade de uma leitura crítica da história transformada em fetiche, para a construção de uma escrita da história verdadeira¹⁸. A degeneração da linguagem até a fragmentação é registrada no *Trauerspiel*, onde o processo de estilhaçamento ocorre sob a imposição de uma ordem secular. A perda do natural e do espontâneo no homem é o tributo pago pelo desaparecimento do divino. O claro-escuro da estética barroca

¹² Idem, ibidem, S. 68.

¹³ BENJAMIN. Origine du drame baroque allemand, Paris: Flammarion. 1985, p. 32.

¹⁴ Idem, ibidem, p. 33

¹⁵ BENJAMIN. Origine du drame baroque allemand, Paris: Flammarion, 1985, p. 25.

¹⁶ BENJAMIN. S, 144.

¹⁷ BENJAMIN. *Über Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen*. S. 153

¹⁸ LIENKAMP, *Messianische Ursprungsdiagnostik, Band 2*, Frankfurt am Main, IKO, 1998, S. 145.

acentua, na superfície metafísica da dramaturgia luterana, o *Deus absconso* e realça a presença do poder mítico determinando o *trompe l'oeil* assumido por aquela estética. Para Benjamin a cauterização do aprisionamento da linguagem, na visão distorcida da época, é possível na *historiografia inconsciente* da arte. A libertação mais fecunda do pensamento, em sua verdade, se dá em Eros e no amante que o representa: “*la vérité n'est pas un dévoilement qui détruit le mystère, mais une révélation qui lui rend justice*”¹⁹. O trabalho filológico de Benjamin sobre a linguagem e a forma do *Trauerspiel* mostra a mentalidade do século XVII, no conteúdo de verdade (*Wahrheitsgehalt*) da arte. Reinar ao lado da arte, num jogo²⁰ entre saber e beleza, para isso flunar por épocas distanciadas, destilar delas o mais precioso, passear pelos sistemas filosóficos, absolvê-los, em nome do atual que jazia no passado, “*dans une apocatástase historique, introduite dans le présent*”²¹, eis a sensibilidade estética (*aisthesis*) sugerida por Walter Benjamin para se refletir a realidade de indefinição da modernidade, de onde estão desaparecendo os vestígios do humano: esse “*travailleur sera indépendante, insensible au vertige et, s'il le faut, solitaire*”²². Essa é a metáfora para o trabalho solitário do filósofo, na sua aspereza. E se essa causticidade não abre mão do elemento apaziguador da arte – o encantamento – a precariedade da época seiscentista, distanciada do divino, também não pode dispensar a memória. A falta é o desafio para a reminiscência (*Eingedenken*). Nas alegorias do *Trauerspiel*, é com a memória de uma origem comum entre a figuração do soberano e o súdito, que se dá a perplexidade do monarca entre seu poder absoluto e a inutilidade dele, diante da consciência de ser igualmente um mortal. Essa descoberta, feita em um solo destituído da graça (*Gnadensonne*), concebe o destino do homem como fatalidade (*Verhängnis*), não mais compreendido nas arestas da Tragédia (*Tragödie*), e sim do conflito, do jogo com a experiência do luto, despertado por um sentimento de vazio, em um mundo abandonado por Deus. Se compararmos a verdade da linguagem dessa época às reflexões do ensaio. É esse sentimento de uma experiência comum a ambos, ao rei

¹⁹ “...Und nur [Eros] kann es bezeugen, dass Wahrheit nicht Enthüllung ist, die das Geheimnis vernichtet, sondern Offenbarung, die ihm gerecht wird.” Ursprung des deutschen Trauerspiels, S. 13.

²⁰ BENJAMIN. “Prostitution und Jeu” in __Paris, capitale du XIXe Siècle – Le Livre des Passages, [O 4ª], p. 516-517.

²¹ BENJAMIN. “Réflexions théoriques sur la connaissance” in __Paris, capitale du XIXe Siècle- Le Livre des Passages, [N 1a, 3], p. 476.

²² BENJAMIN, “Réflexions théoriques sur la connaissance” in __Paris, capitale du XIXe Siècle – Le Livre des Passages. [N 1a, 1], p. 475.

e ao súdito, que emana da mesma condição de mortal, que o leva a abrir o estado de exceção na alma e a salvar o outro. *Sur le langage em général et sur le langage humain* vemos no segundo um prolongamento da reflexão sobre o estado da linguagem desde que o homem caiu do estado paradisíaco: “*Que la langue du paradis soit celle de la parfait connaissance, même l’existence de l’arbre de la connaissance ne saurait le dissimuler. Ses fruits devaient transmettre la connaissance de ce qui est bien et de ce qui est mal*”²³.

Focados na visão teológica de Benjamin, as reflexões do ensaio *Sur le langage humain* e do *Trauerspiel* não deixam de transitar da herança judaica aos laços históricos de uma secreta simpatia com a remodelagem feita por Lutero ao cristianismo e aqui deve-se entender a supressão da pompa e do aspecto ostensivo da prática penitente - o aparato litúrgico - prática essa carregada de traços contraditórios, ambivalentes, inerentes à criatura portadora da culpa. Na concepção do *Trauerspiel*: “*la créature est um miroir, le monde moral ne se s’offrait jamais aux regard de l’époque baroque ailleurs que dans son cadre. Um miroir concave; car cela ne pouvait aller sans déformations. Comme la vertu avait été dépouillée de toute vie historique dans l’esprit de l’époque, ele perdait aussi as signification pour la vie intérieure des personnages dramatiques*”²⁴. A linguagem do *Trauerspiel* revela, meio a um turbilhão de antíteses, na configuração do Estadista, um comportamento político marcado por uma singularidade, que, por si só, implicaria na demolição de todo o arcabouço teórico do sistema jurídico do principado barroco: trata-se do estado de exceção (*Ausnahmezustand*), não de um estado de exceção previsto na normatização do Direito Constitucional em vigor, mas de um estado de exceção que nega a visão da época sobre a virtude. Trata-se de um estado de exceção só possível na identidade entre soberano e seu súdito menor, conhecimento esse que não se encontra em *arcana imperii*. Na prescrição do sistema jurídico do barroco, o *saber lidar com os fatos* seria capaz de transformar a *dinâmica histórica* em *ação política*²⁵. Mas não se trata agora de gerir as leis de calculabilidade da criatura e sim de uma “ditadura” dentro da alma. Na medida em que esse estado de exceção - fundado em um cristianismo estoico - transgride o conceito de soberania do

²³ “Dass nämlich die Sprache des Paradiesesvollkommenerkennend gewesen sei, vermagauch das Dasein des Baumes der Erkenntnis nicht zu verhehlen”. BENJAMIN. Über die Sprache überhaupt und über die Sprache des Menschen. S. 152.

²⁴ BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*, p. 93

²⁵ BENJAMIN. *Ursprung des deutschen Trauerspiels*, p. 76

absolutismo barroco, gerido pela convenção e a subjetividade do monarca, o estado de exceção reconhece a força da origem comum entre a figura real e seu subalterno. É com a feição enlutada que a percepção da presença do outro rasga um abismo na alma do estadista mostrando-lhe a condição de mortal.

Sabe-se que a imanência história-natureza encontra um solo fértil para a desesperança na situação de conflito civil-religioso da Reforma. Sob o rigor da moral luterana é o esvaziamento do sentido da vida - o sentimento de desamparo - o desafio para a prática de um virtude que não se compatibiliza com nenhuma exteriorização. Na ameaça à perda da transcendência, o apelo ao sentido movido por aquela estética transcende a hierarquia real. A dor da finitude que nivela o soberano, na condição de mortal, a todos os homens, subverte o *status quo* da tradição racionalista para regressar ao estado de criação (*Schöpfungsstand*), como consolo para a renúncia ao sol da graça (*Gnadensonne*). “A linguagem formal do drama barroco, em seu processo de formação, retorna ao estado de *Criação* tendo em vista o desenvolvimento das necessidades contemplativas inerentes à situação teológica da época”²⁶. Nessa experiência do barroco político, descortinado em um fragmento do *Trauerspiel* - o retorno ao *Estado de Criação* - cabe ao soberano zelar pelo súdito menor. O caminhar em direção ao outro - faz da época, mergulhada no sentimento de desolação pela falta original da criatura, simultânea e contraditoriamente, uma época de *hegemonia cristã incontestada*²⁷. O apelo à interioridade é exercitado para compensar o descrédito na ação, condenada por Lutero, nas suas teses sobre a indulgência. O inclinar-se ao outro será o estofo da alegoria (*Alleon + agorein*) barroca, que é capaz de condensar, em um lampejo de verdade, toda o processo de dominação, na marcha de catástrofes da histórica, com vistas à sua remissão. E a transgressão em que o monarca abdica, no estado de exceção, ao *ato judicante* em favor do próximo, retoma o mesmo tom elaborado por Benjamin no ensaio *Sur le langage humain*. Lá como aqui é colocada em relevo a *experiência da origem* - na mesma tonalidade do *Estado de Criação* que nomeia e cria. Ele é transgressão, recriação, originalidade diante do estabelecido. Cai por terra o mito da *função sacrossanta* dada por Deus ao monarca. Ali está, não o divino, com sua onipotência, mas o homem sozinho, desamparado. A tarefa de reinar sobre os outros homens pesa sobre seus ombros como um fardo. Ao

²⁶ BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*, p. 81

²⁷ BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*, p. 80

visionarismo de Benjamin descortina-se o destino dessa subjetividade, fadada ao desaparecimento sob o esplendor de uma dignidade ética (*Abglanz der etischen Würde*) incompreendida ao olhar da época. Opondo-se à subjetividade do conhecimento, o conceito de singular, com sua verdade, defendido no *Préface Épistémico-critique de Origine du drame baroque allemand*, investe na recuperação da linguagem nomeadora, pretende compensá-la. Ela ocorre na passagem de sua dimensão sagrada para sua dinâmica na esfera do profano. Nesse contexto a sacralidade carrega a marca do fetiche imposto à espiritualidade. Ele impede o livre acesso do homem a Deus. A perda da linguagem nomeadora é o selo da *faute*, marca do distanciamento ontológico. O conceito de sagrado tenta preencher essa lacuna. A estética barroca ostenta, na linguagem, a necessidade de administrar a carência, em que a figura humana perde a semelhança com o divino (*Imago Dei* da mística medieval) e se reduz a torso, a fragmento (*Bruchstück*). A compensação recorre ao excesso, escrevendo os substantivos com iniciais maiúsculas. O esbanjamento (*Verschwendung*) dos adereços cênicos seria o último apelo para um ressignificar. A essência espiritual da linguagem não é sagrada. O sagrado surge antes como a reificação, no plano das coisas divinas, onde é usurpado ao homem seu contato direto com Deus. Assim *profanar* seria um ato insurrecto que teria como fim a devolução ao homem desse direito²⁸. Uma espécie de *restitutio in integrum*²⁹. O sagrado dilui-se na inaptidão barroca para se chegar ao todo. O *culto* e a *sacralização* permanecem signos que não tangenciam nem de leve a linguagem da espiritualidade; Eles representam, na verdade, um emblema, e enquanto uma evocação mítica de Deus, guardam a força do poder. A sacralidade se perpetua na história do poder de um homem sobre outro. Essa concepção se realiza na ritualidade, prestigia a encenação litúrgica, não passa de um verniz ornamental da intenção, um adereço cênico, para utilizar o vocabulário do *Trauerspiel*. O sagrado deixa seu espectro em forma de *aura* que se revolve no próprio brilho, ofuscando. Ele apenas pretende preencher a ausência do hausto de transcendência negado. Por isso não fala de Deus, à maneira da celebração teológica do medievo, ou seja, não se comunica diretamente a Deus, se resolve na vertigem da hierarquia. Inebriado com o próprio halo, o sagrado antes distancia a espiritualidade do homem

²⁸ AGAMBEN, Giorgio, *Profanações*, Trad. Selvino J. Assmann, São Paulo: Editorial Boitempo, 2007, p. 65.

²⁹ BENJAMIN. "Theologisch-politisches Fragment" in *__Illuminationen*, Frankfurt am Main: SuhrkampVerlag, 1977, S. 262

simples do divino, do que os aproxima. Gera o temor. Assim o sagrado para o barroco se transforma no fetiche da espiritualidade. Não é de admirar a guerra que Lutero declara ao aparato litúrgico e ao seu entorno celebrativo. O esforço em traduzir a bíblia para o alemão tem como objetivo o alcance pelo camponês do conhecimento do divino, com enfoque na verdade cristã inacessível na língua latina. A distância provocada pelo sagrado, entre Deus e o homem penitente, é alertada nessa frase: “Nada há de sacro que seja puramente espiritual”³⁰ de Hugo von Hofmannsthal (por quem Benjamin nutria não secreta admiração). Ela sugere a inutilidade dessa vestimenta da espiritualidade. Parece que tal reflexão possui não infecunda ressonância, quando o ensaio sobre o surrealismo alude ironicamente ao “caráter sagrado da vida”. A necessidade de sacralizar e de entronizar aparece quando desaparece, através da liturgia, a relação direta de Deus com os homens. Justamente por esse prisma a impregnação da mística judaica na filosofia de Benjamin se explica na possibilidade de ver no messianismo uma saída incontestada para o sentido da espiritualidade no mundo. E da mesma forma que o preceito judaico de não construir imagens é transgredido pelo visionarismo da imagem dialética benjaminiana, é subvertida igualmente a dimensão do “caráter sagrado da vida”, ideia essa acordada no ensaio *Zur Kritik der Gewalt* de 1921, onde é apontada a fragilidade desse conceito, ausente da filosofia dos antigos. Os bastiões da sacralidade, já minados com o claro-escuro da contradição barroca, caem de vez para ceder espaço à *iluminação profana* do pensamento³¹. Quando a linguagem assimila a incompletude da criatura, a falta, não se conforma com a exteriorização, com a comunicação para fora. Procura no inconsciente a iluminação para o pensamento. Essa iluminação não ressurgue na sacralidade, mas no plano profano que a estética barroca acostumou a expressar, na mais recôndita interioridade, em comunicação secreta com o divino. A tentativa dessa comunicação encontra sua mônada temporal na linguagem do surrealismo, na medida em que manifesta o inconsciente. O tributo pago pelo segredo é a fragmentação da linguagem. Em *Ursprung des deutschen Trauerspiels* o fenômeno da fragmentação da linguagem é exposto na representação do drama de *Herodes*. A cena revela o momento em que

³⁰ MARRAMAO, *Potere e secolarizzazione. Le categoriedel tempo*, Editori Riuniti, 1983.

³¹ BENJAMIN. “Der Surrealismus” in *____ Aufsätze, Essays, Vorträge – gesammelte Schriften II, 1*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999, S. 307.

Mariamne, a mulher de Herodes, reconstituindo, através dos fragmentos de uma carta, seu conteúdo, descobre a intenção do marido de matá-la:

“*Que contiennent donc ces feuillets? Le premier mot que je trouve, c’est: mort; ici, je lis: honneur, et là: Mariamne. Qu’est ceci? Ciel, pitié! Car ces trois mots: Mariamne, mort, honneur, em disent long. I ci il est écrit: em secret; là: dignité; là: exige, et là: menée; et ici, je lis encore: si je meurs. Mais pourquoi em douter? Me voici assez instruite par les plis du paier, qui se complètent, déployant ce crime. Prairie, laisse-moi les assembler sur tont apis verdoyant!*”³² Benjamin mostra que “*même isolés, les mots sont maléfiques.*” No texto de Calderón, (onde a dialética da linguagem se direciona contra o poder) a salvação se dá no plano da criação, mas no drama luterano a linguagem já recorria à teologia da ressurreição, da dialética vida-morte do medievo. Para poder significar, “a linguagem se faciona, prestando-se em seus fragmentos, a uma expressão diferente e mais intensa”. Esse princípio dissociativo e pulverizador está na base da concepção alegórica. Essa concepção é a testa de ferro contra a dimensão da linguagem que assumiu uma função inferior: a da comunicação para o exterior. Derivada do mito da sacralidade, essa linguagem que desprestigia o nome desaparece sob o turbilhão dos afetos, aqueles submetidos ao efeito celebrativo do poder e da glória, outrora concedido à capacidade de julgar com o conhecimento sobre o Bem e o Mal. E que constitui o *fundamento místico da autoridade*³³. Opondo-se a essa moldura de poder, o soberano do *Trauerspiel* guarda a alegoria do homem despojado de suas insígnias, de sua palavra real, sem expressão, nem capacidade de decidir (*Entschlussfähigkeit*). Ali jaz a criatura despida das convenções, ou seja, o homem em estado de natureza, o homem que reflete sobre sua condição real. E a perplexidade no confronto entre o conceito de *função sacrossanta*, por um lado, e a miséria real de sua condição por outro, enobrece o Estadista, e o amadurece para a comunhão com o outro. A piedade (*Erbarmen*) é movida pela dor que lhe desperta as leis da afetividade. Nesse espaço de indefinição e de anomia, sob a palidez de remanescentes teológicos da política teocrática medieval e onde ainda não vigora a Razão de Estado, só caberá ao

³² “Was enthalten denn die Blätter? Tod ist gleich das erste Wort, das finde ich; hier steht: Ehre, und dort lese ich: Mariamne. Was ist dieses? Himmel, rette! Denn sehr viel sagt in drei Worten Mariamne, Tod und Ehre. Hier steht: in der Stille; hier.: Würde; hier.: heischt ; ; und hier: streben und hier sterbe ich, fährt er fort. Doch was zweifl ‘ich?’ BENJAMIN, *Ursprung des deutschen Trauerspiels*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1993, S. 184.

³³ DERRIDA. *La Force deloi*, EditionsGalilée, 1994..

estadista assumir o reino com as duras *leis de ferro da natureza*, leis que ele só encontra em si mesmo, isto é, com a repressão dos afetos e das paixões na própria alma. Nesse momento iluminado, que se compara ao momento anterior ao aparecimento da história, e onde não vigora nenhuma lei da sacralidade, realiza-se a soberania do estado de Criação - ponto fixo, o centro, local da acolhida. No drama barroco alemão, Benjamin diz da linguagem do *Trauerspiel*: “Seu estofo é a linguagem dramática pura que aparece no *Banquet* de Platon, no diálogo entre Sócrates, Agaton e Aristófanes, antes que ela fosse separada pela dialética do trágico e do cômico. *Ce caractere purement dramatique restaure le mystère qui s’était peu à peu désacralisé dans les formes de théâtre grec: Em tant que langage du drame moderne, son langage est d’abord celui du Trauerspiel*”³⁴. Em *La vida es sueño* de Calderón de la Barca, o drama mais perfeito da Europa - representado sob o solo da criação - o soberano tem o poder de redimir: a salvação se dá pela reminiscência, pela memória de uma origem comum. Aqui o soberano renuncia ao conhecimento que é poder, renuncia ao poder concedido pela coroa real e do qual poderia dispor de acordo com as leis do absolutismo. Destruindo simbolicamente esse poder, ele funda uma outra soberania, em que se exime do conhecimento que julga, para fazer justiça³⁵. Seu comportamento estóico abandona a linguagem que interroga sobre o bem e o mal - *la marque qui révèle l’origine mythique du droit*³⁶. Esse conhecimento que o homem herdou após a queda é denunciado por Benjamin: Na palavra do direito, fundada na queda *Connaître c’est avoir*³⁷. Tanto em *Sur le langage* e no *Trauerspielbuch* a marca da queda do homem está impressa carregando de forma enfática nas suas vicissitudes com relação ao destino do conhecimento. Com o objetivo de reparar a crítica de Lutero à ação caridosa Benjamin comenta: “*Le mode d’existence par excellence du mal, c’est le savoir, et non l’action*”³⁸. Para Benjamin o conhecimento distanciado de Deus é portador da culpa mítica. Conta o livro sagrado que Deus não submeteu [o homem] à linguagem, mas liberou no homem a linguagem que havia servido a *Ele*, como *meio* da

³⁴BENJAMIN. *Ursprung des deutschen Trauerspiels*. S. 99. Origine, p. 125

³⁵“Zerstörend ist [...] die Gerechtigkeit, die destruktiv den konstruktiven Zweideutigkeiten des Rechtes Einhalt gebietet...” BENJAMIN. “Karl Kraus” in ____ *Aufsätze Essays Vorträge -Gesammelte Schriften II, 1*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999, S. 367.

³⁶ BENJAMIN. *Sur le langage en général et sur le langage humain*. Idem, p. 161

³⁷BENJAMIN. *Origine du drame baroque allemand*. P. 26.

³⁸BENJAMIN, *Origine du drame baroque allemand*, p. 248.

Criação³⁹, isto é, a linguagem com a imediatidade de toda comunicação espiritual: “*comme part d’heritage du langage humain, le nom garantit que le langage est tout simplement l’essence spirituelle de l’homme; et c’est uniquement pour cela que l’homme est de tous les êtres doués d’esprit le seul dont l’essence spirituell soit entièrement communicable*”⁴⁰. Benjamin contrapõe o nome à palavra. Se Deus nomeava cada coisa após tê-la criado, “*cette dénomination n’est manifestement que l’expression de l’identité en Dieu entre le verbe qui crée et le nom qui connaît*”⁴¹. Recorrendo à sabedoria do estado de Criação, o soberano barroco que assume o estado de exceção na alma, renuncia à linguagem do Direito Constitucional da época, renuncia ao julgamento fundado na palavra herdeira do exílio do nome criador. Nesse ato salva a história, promove sua estabilização, quando se volta à sabedoria criadora que o faz absolver o outro: “*En Dieu le nom est créateur parce qu’il est verbe, et le verbe de Dieu est savoir parce qu’il est nom*”⁴². No estado de exceção o soberano exercita sua capacidade criadora. Ele recria o Bem, não mais como signo. Abandonar o espaço da convenção o dignifica. Ao eximir o súdito da culpa, o monarca assume sua real majestade. Pois é o saber divino de abdicar do julgamento, de renunciar ao direito e enfim de libertar o outro de seu destino fatídico, absolvendo-o, pelo sentimento de compaixão, o poder verdadeiro que funda a linguagem nomeadora – a palavra que salva - e faz do Prince *le Dieu cartésien dans le monde politique*.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *Origine du drame baroque allemand*, Paris: Flammarion,

_____ *Ursprung des deutschen Trauerspiels*. Frankfurt am Main: SuhrkampVerlag, 1993.

_____ *Gesammelte Schriften*, Frankfurt am Main: SuhrkampVerlag, 1991.

_____ *Paris Capitale du XIX e Siècle – Le livre des passages*, Paris: LesÉditionsduCerf, 1997.

³⁹“Gott wollte [den Menschen] nicht der Sprache unterstellen, sondern im Menschen entliess Gott die Sprache, die ihm als Medium der Schöpfung gedient hatte, frei aus sich”. *Über Sprache überhaupt...*S. 149

⁴⁰“Der Name als Erbteil der Menschensprache verbürgt also, dass die Sprache schlechthin das geistige Wesen des Menschen ist; und nur darum, ist das Wesen des Menschen allein unter allen Geisteswesen restlos mitteilbar.” Idem, *ibidem*, S.144. Sur le langage...p. 148

⁴¹“Diese Benennung ist der Ausdruck der Identität des schaffenden Wortes und des erkennenden Namens in Gott”. BENJAMIN, *Über die Sprache...*, S.151, Sur le langage, p.157.

⁴² BENJAMIN. Sur le langage en general et sur le langage humain, p. 153.,

COHEN-LEVINAS. D. "Le temps de la fêlure: Le messianisme qui vient" in: *Reflexão- Revista Semestral de Filosofia da PUC, Nº 94*, Campinas, 2008, pp. 31-40.

KLIBANSKY, R. PANOFSKY, E. et SAXL, F. *Saturne et la Mélancolie*, Paris: Gallimard, 1989.

LIENKAMP, Ch. *Messianische Ursprungsdiagnostik, Band 3*, Frankfurt am Main: IKO, 1998.

MÉCHOULAN, H. (Dir.) *L'Etat Baroque 1610-1652*, Paris: Vrin, 1985.

MENNINGHAUS, W. *Walter Benjamins Theorie der Sprachmagie*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.

OPITZ, M. und WIZISLA, E. *Benjamins Begriffe*, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2000.

PALMIER, Jean-Michel. *Walter Benjamin*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 2009.

WEIGEL, S. *Walter Benjamin – Die Kreatur, das Heilige, die Bilder*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2008.

WISMANN, H. (Dir.) *Walter Benjamin et Paris*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1986.